

"A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES." (KARL MARX)



O RACHA NOS TRÊS PODERES

Assine um jornal proletário e independente



Foice & Martelo

Análises marxistas sobre os temas atuais, sempre voltadas ao interesse da classe trabalhadora.

Acesse www.livrariamarxista.com.br ou www.marxismo.org.br e assine!

10
edições R\$40

15
edições R\$60

20
edições R\$80

40
edições R\$160

POLÊMICA

As revoltas conquistaram a abolição, a revolução conquistará a emancipação

ROQUE FERREIRA
roque800@gmail.com

Aprendemos nos bancos escolares que a Lei Áurea que aboliu a escravatura teria sido um gesto de caridade da Princesa Isabel. Essa narrativa histórica organizada intencionalmente pela classe dominante sequestrou as lutas e revoltas dos negros em mais de 300 anos de escravidão que construíram os caminhos para o vigoroso Movimento Abolicionista, primeiro movimento social de massa de caráter nacional.

Os movimentos negros sempre combateram a narrativa do andar de cima de que a Abolição teria sido um ato de benevolência. Hoje vemos vários movimentos negros, figuras públicas, setores da esquerda assumindo esse discurso, passando a negar e a querer enterrar o 13 de maio se utilizando de uma revisão histórica, que considero uma desonestidade intelectual.

O Movimento Abolicionista foi a continuidade de um conjunto de revoltas negras sintetizadas no Quilombo dos Palmares e Zumbi dos Palmares; foi o maior movimento de base popular, decisivo para por fim à escravidão, e contou com a participação de negros escravizados, negros livres e brancos que se juntaram aos

ideais abolicionistas a partir da década de 1880.

A Abolição não se deu por benevolência, tampouco apenas pela exaustão do modelo econômico baseado no trabalho escravo, que precisava ser substituído pelo trabalho livre. Ela foi conquistada pelos negros na luta e com a participação da classe operária incipiente.

Essa revisão histórica não se sustenta e não contribui em nada para a luta organizada da população negra, maior estrato da classe trabalhadora no país, em busca de sua emancipação. A falsidade intelectual desses setores os leva, por exemplo, a esquecer da saudação de Raul Pompéia aos escravos que se rebelavam: “a ideia de insurreição indica que a natureza humana vive. A maior tristeza dos abolicionistas é que essas violências não sejam frequentes e a conflagração não seja geral.”

Na década de 1880, o movimento abolicionista incendiou o Brasil. Em 1884 o Ceará e o Amazonas já haviam declarado o fim da escravidão. Os jangadeiros do Ceará se recusavam a embarcar negros escravizados em navios negreiros para serem trazidos para São Paulo e Rio de Janeiro. Os tipógrafos e os gráficos se recusavam a imprimir matérias defenden-



Zumbi dos Palmares

do a escravidão e anúncios de venda e captura de negros escravizados.

Os ferroviários da Estrada de Ferro São Paulo Railway, inaugurada em 1867, realizavam o transporte dos escravos que fugiam para o quilombo de Jabaquara na baixada santista.

Os ruralistas escravagistas acordaram com uma parte da burguesia abolicionista e conseguiram a indenização aos fazendeiros, sem reforma agrária e manutenção da Lei das Terras de 1850. E assim foi o conteúdo da lei.

A abolição existiu, a emancipação não. Dizer hoje que a abolição está inacabada e tentar inserir-se nos muros da ordem (“empoderar-se”) é uma capitulação vergonhosa aos que nos assassinam todos os dias, é o abandono da luta pela

emancipação da população negra, que só pode se concretizar com a derrubada do sistema capitalista, que tem no racismo pseudocientífico construído no século 19, e utilizado até hoje no Brasil, um pilar estruturante da exploração de classe.

Os setores que negam peremptoriamente o combate de classe na luta antirracista, por mais empolado que seja seu discurso, por mais fraseologias rebuscadas que utilizem em suas digressões e teses acadêmicas para justificar suas posições, sabem que todas as concepções pós-modernas, as políticas racialistas que negam a luta de classes, estão a serviço da ordem e da exploração do sistema capitalista.

O combate realizado de forma organizada nas lutas do dia a dia, em defesa das reivindicações como educação pública, gratuita e de qualidade em todos os níveis, saúde de qualidade e gratuita para todos, reforma agrária, demarcação das terras dos quilombos remanescentes, emprego, salário digno, aposentadoria justa, fim da violência policial, revogação da reforma trabalhista, a defesa das conquistas democráticas, fim da criminalização das organizações dos trabalhadores e não pagamento da dívida, é que permitirá a verdadeira emancipação.

Quem Somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização revolucionária de luta pelo socialismo.

Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), participamos em todo o mundo da luta pela abolição do capitalismo e pela República Socialista Universal dos Conselhos.

Lutamos contra a colaboração de classes dos reformistas. Mas, nada temos a ver com os ultraesquerdistas que se dedicam ao divisionismo e ao denunciamento impotente.

Nós lutamos pela unidade e pela independência política da classe trabalhadora. Nosso objetivo é ajudar os trabalhadores e a

juventude revolucionária a construir um partido operário revolucionário e socialista de massas.

A Esquerda Marxista dirigiu as ocupações de fábricas no Brasil lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores. Lutamos por transporte, saúde e educação públicos e gratuitos para todos. Pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude. O capitalismo e seus partidos são nossos inimigos. Lutamos pela revolução e pelo socialismo.

Essas lutas e os choques provocados contra a estrutura da ordem levarão a população negra a compreender que dentro da atual ordem republicana, baseada na propriedade privada dos meios de produção e na exploração do homem pelo homem, não há saída para negros e brancos pobres.

Construir a unidade da classe trabalhadora nas lutas do dia a dia, cujo maior estrato é a população negra, é a tarefa central dos que não se renderam à ordem escravocrata e racista. Para ter emancipação é preciso ter revolução.

Foice & Martelo

CONSELHO DE REDAÇÃO
Serge Goulart, Alex Minoru,
Luiz Bicalho, Johannes Halter e
Evandro Colzani.

EDITOR
Luiz Bicalho

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Rafael Prata MTB nº 40040/SP

DIAGRAMADOR
Evandro Colzani

jornal@marxismo.org.br
www.marxismo.org.br

Rua Tabatinguera, 318, Centro
São Paulo/SP - CEP: 01020-000
Fone: (11) 3101-8810

EDITORIAL

A crise e o dólar

ESQUERDA MARXISTA
jornal@marxismo.org.br

Os últimos acontecimentos mundiais levaram a um fortalecimento geral do dólar frente a todas as outras moedas, inclusive ao Euro. Os maiores jornais do Brasil (Estadão, Folha e O Globo), na quarta-feira, (16/5) tocaram o sinal de alarme sobre o assunto: o Real foi a terceira moeda que mais perdeu, depois do Peso Argentino e da Lira da Turquia. Quais as causas deste movimento?

Trump declarou que é muito fácil vencer uma guerra comercial. Até agora, com a alta dos juros nos EUA, os únicos vencedores são os bancos e os especuladores financeiros.

Apesar de todas as sobretaxas de Trump, a valorização do dólar – efeito colateral da alta dos juros nos EUA – encarece o preço das mercadorias dos EUA e barateia as dos outros países. A única exceção, até o momento, é a China, que decidiu continuar a política de valorização de sua moeda para garantir um “pouso suave” para o seu crescimento. Mas a realidade concreta vai passar por cima de todos esses cálculos políticos e econômicos, enquanto a crise aberta em 2008 continua a grassar.

A crise atual é uma crise sistêmica do capital, que tem origem na superprodução, no excesso de mercadorias que o mercado não

tem capacidade de consumir. As guerras localizadas, que consomem uma boa parte da produção armamentista, são o exemplo mais doloroso desta crise. Há uma ofensiva generalizada da burguesia para retirar os direitos dos trabalhadores e garantir o seu lucro, num período de quebra de empresas, de fusões e de demissões. O salário cai, no mundo inteiro, assim como os direitos sociais. A falsa recuperação nos EUA recupera o lucro dos ricos e mantém o proletariado em empregos com salários rebaixados e forte aumento do tempo de trabalho.

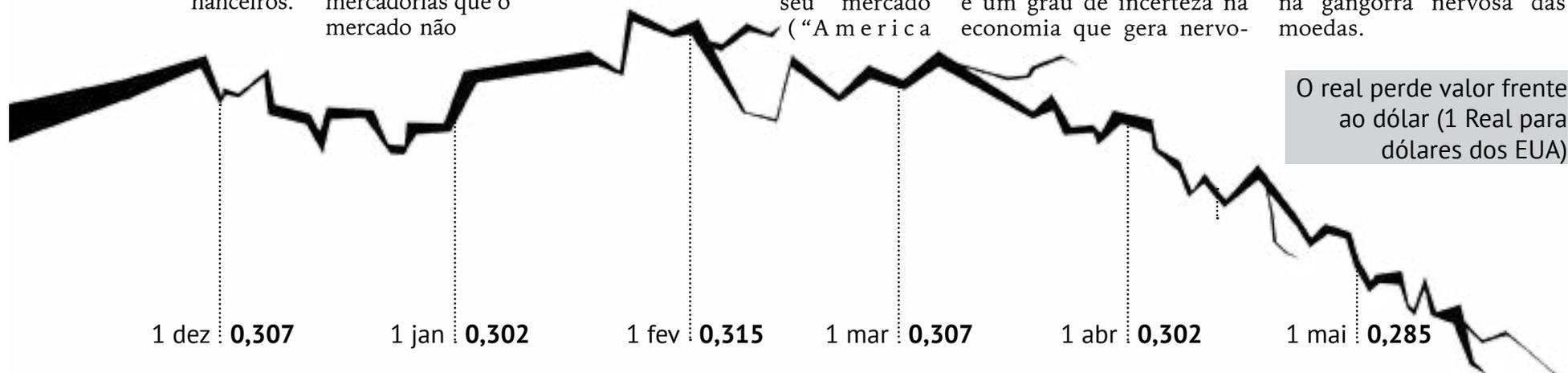
As medidas de Trump, que procuram aumentar o protecionismo do seu mercado (“A m e r i c a



Refugiados de guerra

first”, América primeiro) conduzem, na realidade, ao seu contrário. O resultado é um grau de incerteza na economia que gera nervo-

sismo nos “investidores” e faz a alegria de todos os especuladores, apostando na gangorra nervosa das moedas.



A crise no Brasil

Temer comemorou seus dois anos de governo com o slogan “O Brasil voltou, 20 anos em dois”, que é uma piada de si mesmo. A única coisa que parece ter voltado foram as denúncias sobre as mortes feitas pela Ditadura e o dólar que sobe sem controle.

Quando começou a alta geral do dólar, os analistas burgueses trataram de ressaltar a diferença entre o “colchão” de dólares aplicados que o Brasil possui, a pouca exposição à dívida externa do governo federal e a força da bolsa que se encontra em ascensão. Isso para explicar que a moeda brasileira não desceria tanto quanto a Argentina.

Verdade. O problema do Real é que o Brasil tem um governo que não governa, um Legislativo que só legisla em prol de banqueiros e dos fazendeiros e um Supremo que controla o Legislativo e o Executivo – mas se perde em firulas e brigas intestinas entre seus membros sobre o

que decidir. O STF pode tudo e um ministro com peito pode mais ainda. Os aliados tucanos de Gilmar Mendes são soltos por liminares de sua lavra: todos os processos e liminares pedidos por políticos do PSDB caem invariavelmente em seu colo (e são todos sorteados! Ah esses sorteios).

E cada nova decisão do STF, o único poder de fato do país, leva a mais crises. O STF decide restringir o foro privi-

legiado, permitindo que qualquer juiz de uma comarca do interior possa condenar um político em processos dúbios. É só ver os processos contra os políticos do PT feitos por Moro – lembrando que Moro hoje se arrepende da foto sorridente ao lado de Aécio Neves, no mesmo dia que é fotografado sorridente ao lado de João Doria (candidato do PSDB ao governo de SP).

Os jornais burgueses estampam a pergunta: e os

juízes, e os membros do Ministério Público, por que mantém foro privilegiado? Claro está, que num país onde a autoridade e as leis estão valendo pouco, não se lembraram de perguntar por que recentemente o Congresso decidiu que os militares que cometerem crimes (militares incluem a PM) serão julgados pela Justiça Militar e não pela Justiça Civil, como qualquer outro criminoso. No momento em que se lem-

bra ao país que os ditadores militares ordenaram mortes e execuções, os jornais têm medo de fazer essa singela pergunta.

Márcio França (PSB, atual governador de SP), que é cortejado por Lula e Alckmim para apoiar suas candidaturas, não tem medo. Declara expressamente que qualquer um que ofender a farda da PM deve temer por sua vida. Em outras palavras, ele quer conceder à PM a licença para matar, ao arripio da lei. E, nesta crise em que ninguém sabe quem manda e quem obedece, os analistas surpreendem-se com a queda do Real?

A burguesia não consegue se entender em como governar. E a classe operária necessita de um partido para se colocar como aspirante para a tomada do poder. Esta é a necessidade do momento, que os primeiros movimentos da classe, nas suas greves, mostram que existe um novo caminho que é preciso trilhar.



Assembleia de aprovação de greve na Mercedes

Adonis Guerra/SMABC

6º CONGRESSO DA ESQUERDA MARXISTA

Escola de formação e 6º da Esquerda

ALEX MINORU

alexminoru.sp@gmail.com

A Esquerda Marxista (EM), seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), realizou sua Escola Nacional de formação nos dias 28 e 29 de abril, sucedida pelo Congresso da EM, cuja abertura ocorreu no dia 29 à noite e seguiu até o dia 1º de maio.

Estas atividades contaram com a participação de militantes de diferentes partes do Brasil e do camarada Alessandro Giardiello, dirigente da seção italiana, representando o Secretariado Internacional da CMI.

A teoria marxista e o combate às ideias alheias à classe trabalhadora

A Escola começou pausando as teorias supostamente inovadoras, comumente chamadas de “pós-modernas”, na realidade ideologias burguesas e pequeno-burguesas que se utilizam de um verniz de esquerda.

A classe dominante fomenta essas ideias para dividir e enfraquecer o movimento dos trabalha-

Johannes Halter



Caio Dezorzi apresenta o combate às ideias “pós-modernas”

dores. Organizações que se reivindicam da luta pelo socialismo reproduzem tais discursos, colocando de lado a luta do proletariado contra a burguesia, para aderir a posições reacionárias que conduzem à luta de mulheres contra homens, de negros contra brancos etc.

Faz parte da luta dos comunistas o combate à toda forma de discriminação e opressão. Lutamos pelo fim do machismo, do racismo e da homofobia. Mas esses combates devem ser colocados sobre uma perspectiva de classe e em defesa da revolução socialista.

Temas como identitarismo e interseccionalidade tomam espaço hoje nas universidades, na mídia, nos partidos reformistas, fomentados direta ou indiretamente pelo Estado burguês.

Na realidade, essas são ideologias francamente reacionárias, que combatem disfarçada ou abertamente, a noção e a consciência da luta de classes, desviam a atenção da juventude, causam confusão e agem para impedir que a nova geração tenha acesso a uma perspectiva de organização da classe trabalhadora. Tudo isso apresentado sob uma bandeira falsa, de luta contra as opressões.

A uma jovem que se identifica como feminista – porque encontrou aí um canal de expressão contra a brutal exploração que o capitalismo impõe às mulheres – devemos explicar a grande confusão teórica que se abriga no feminismo e que as opressões só serão resolvidas organizando a mobilização unitária de homens e mulheres do proletariado, por reivindicações e campanhas contra as opressões que conduzam a soluções reais e universais. Por meio des-

ses combates devemos evidenciar que, nesta época de decadência imperialista, as reivindicações e conquistas apenas podem ser garantidas com a derrubada do regime capitalista e com a construção de uma sociedade comunista.

Nesse sentido é que a Esquerda Marxista impulsiona o Mulheres pelo Socialismo e o Movimento Negro Socialista.

A intervenção dos comunistas nas eleições e no parlamento

O segundo tema da Escola teve como objetivo retomar as bases históricas e teóricas para a intervenção dos marxistas no processo eleitoral burguês.

Francine Hellmann



Luiz Bicalho abre debate os marxistas e as eleições

Marx e Engels já defendiam no século XIX a participação dos comunistas nas eleições e no parlamento, com a compreensão de que uma atitude abstencionista nesse campo seria jogar o proletariado nos braços da burguesia.

Uma atitude oportunista em relação ao trabalho parlamentar se desenvolveu já na 2ª Internacional, baseada no reformismo e na adaptação geral ao regime

burguês, que dominou os partidos social democratas e que marca até hoje a atuação de muitos parlamentares ditos de esquerda.

A Internacional Comunista, 3ª Internacional, encabeçada pelos bolcheviques que conduziram a Revolução Russa à vitória, retomaram os princípios da intervenção dos marxistas no parlamento. Deixaram claro em suas resoluções que “a tarefa do proletariado consiste em mandar para os ares a máquina governamental da burguesia, destruí-la, e com ela as instituições parlamentares, sejam elas das Repúblicas ou das monarquias constitucionais”. Também, que a ação de um comunista no parlamento “consiste, sobretudo, em usar a tribuna parlamentar para fins de agitação revolucionária, para denunciar as manobras do adversário, para agrupar em torno de certas ideias as massas que, principalmente nos países atrasados, consideram a tribuna parlamentar com grandes ilusões democráticas, deve estar totalmente subordinada aos objetivos e às tarefas da luta extra-parlamentar das massas”.

Um marxista no parlamento deve ser um tribuno da classe operária, que desmascara a podridão e a farsa da democracia burguesa, agindo sob a disciplina do partido para organizar os trabalhadores na luta pela derrubada do capitalismo.

Como se organizam os bolcheviques

O tema que concluiu a Escola tratou da construção do partido revolucionário, ferramenta fundamental para que uma revolução não termine em derrota, mas em conquista do poder pela classe operária. Nisso o Partido Bolchevique traz importantes lições.

Entretanto, o estudo do que fizeram e como se organizaram os bolcheviques deve servir como um guia, e não uma receita acabada, de como os revolucionários devem se organizar em uma realidade concreta. Os métodos de organização em uma ditadura, com o partido na ilegalidade, diferem de uma situação de democracia burguesa, com liberdade de reunião e organização, por exemplo.

A Esquerda Marxista baseia sua forma de organização nos ensinamentos do bolchevismo, tendo como um ponto central o centralismo democrático, resumido em liberdade de discussão e unidade de ação, no mesmo sentido, o método “objetivo e resultado”, com a definição de tarefas e metas, controladas coletivamente pelas instâncias.

Ao mesmo tempo, o centro das reuniões dos organismos de um partido revolucionário é a política, a discussão e a impulsão política. Baseando-se na teoria e na história como guias para a ação na atualidade, para a construção do partido, da Internacional, que influencie as massas para a conquista de um mundo socialista.

Henrique Macedo



Serge Goulart, o bolchevismo e a construção do partido hoje

6º CONGRESSO DA ESQUERDA MARXISTA

Congresso Nacional Marxista

Um vitorioso Congresso que avança na preparação da organização revolucionária para os combates do próximo período

Participaram como convidados do 6º Congresso da Esquerda Marxista o companheiro Nildo Ouriques, que disputou no interior do PSOL, com apoio da EM, a vaga de candidato a presidente da República pelo partido, Angélica Lovatto, da Adunesp e impulsora do comitê paulista de apoio à pré-candidatura de Nildo, e Neto, da coordenação nacional do MES, tendência do PSOL.

Alessandro Giardiello apresentou o informe de perspectivas internacionais. Um dos destaques foi a recente campanha internacional pela libertação e aparição com vida dos militantes da CMI no Paquistão, presos pelo exército e os Rangers Sindh (departamento estatal paramilitar conhecido por realizar assassinatos extrajudiciais). Esta vitoriosa campanha da CMI foi fundamental para salvar a vida dos onze camaradas presos por prestarem solidariedade ao movimento dos Pashtuns, uma minoria étnica historicamente oprimida pelo regime paquistanês e pelos países imperialistas que intervmem na região.

Este movimento é também um importante sintoma da situação política mundial, em que um evento brutal, mas corriqueiro – o assassinato de um jovem por um policial – desatou manifestações de massas que têm sacudido o país.

Outro exemplo da instabilidade internacional pôde ser visto nas eleições italianas de 4 de março. Com a queda de votos nos partidos tradicionais e o aumento do apoio em novas formações, como a Liga, com um discurso de direita anti-imigrantes, e o Movimento 5 Estrelas, um partido demagógico populista peque-



Alessandro Giardiello apresenta o informe de perspectivas internacionais na abertura do Congresso

no-burguês “anti todos”, em trânsito para se integrar plenamente ao sistema, mas que foi o principal canal de expressão do voto contra o sistema, a austeridade e a União Europeia, obtendo 32,21% dos votos. De certa maneira, mesmo que em pequena proporção, o resultado da seção italiana da CMI nestas eleições, colhendo 20 mil assinaturas em pouco mais de 30 dias para inscrever sua lista, defendendo um programa revolucionário, expressa a raiva contra o sistema, seus partidos e instituições.

A resolução política do Congresso sintetiza o panorama internacional: “Seguidas são as demonstrações de disposição de luta da base, da falência do reformismo, da crise de dominação da burguesia e das divisões em seu interior. Estes são os frutos



Delegados aprovam por unanimidade resolução política

da profunda crise internacional do capitalismo que se arrasta desde 2008”.

Brasil: crise, Lava Jato, eleições e construção da EM

O Brasil está inserido e em sintonia com a situação internacional. A crise econômica que se aprofunda no país desde 2014 está longe de ter sido resolvida. As taxas de desemprego continuam altas e mascaram o crescimento dos subempregos e a precarização geral das condições de trabalho.

A burguesia tenta salvar suas instituições podres da ira popular usando a Lava Jato, com seus abusos e as prisões midiáticas de empresários e políticos do PSDB, MDB etc, propagando a ideia de que agora “a lei é para todos”. No caso do PT, acrescenta-se ainda o objetivo de desmoralizar um partido construído pela classe trabalhadora, mesmo que este tenha sido sequestrado por sua direção para uma linha de submissão aos interesses da burguesia e do imperialismo.

Lula, mesmo sendo condenado sem provas, foi incapaz de mobilizar as massas contra sua prisão. Esta é a constatação cabal da ruptura de Lula e

do PT com sua base histórica, a classe operária e a juventude, farta das seguidas traições.

Nesse contexto ocorrerão as eleições de 2018. A burguesia busca um nome de “centro”, com a dificuldade de Alckmin não decolar nas pesquisas, e por isso mantém como uma opção Marina Silva, a ex-seringueira, ex-petista, mulher e negra, que defende um programa capitalista. Já o demagogo de direita Bolsonaro, que está à frente nas pesquisas sem Lula, não é a opção da burguesia, pois pode jogar mais gasolina na explosiva situação atual. O PT está dividido sobre o rumo a seguir sem Lula, há a intenção de substituí-lo por um “plano B” quando sua candidatura for indeferida pela Ficha Limpa, mas também está aberta a possibili-



Militantes discutem situação nacional e as tarefas dos marxistas

dade de apoio a um candidato burguês, Ciro Gomes, do PDT.

Enquanto isso, o PSOL, que poderia dialogar com a imensa massa de descontentes, que provavelmente vão votar branco, nulo ou se abster novamente nessas eleições, tem feito uma campanha com Guilherme Boulos que se restringe a apontar melhorias no capitalismo, sem se diferenciar com clareza da política de Lula e do PT.

O fato é que as eleições não mudam a vida da classe trabalhadora e, como afirma a resolução do 6º Congresso, “um militante ganha para a organização revolucionária vale mais que mil votos anônimos colocados numa urna”. Com este sentido os candidatos da EM participarão destas eleições.

A resolução aprovada por unanimidade dos delegados conclui:

“A atual situação é animadora para o combate dos revolucionários. É preciso combater o pessimismo pequeno-burguês dos centristas e ultraesquerdistas impactados com a decadência do capitalismo e que não veem nenhuma saída, assim como dos reformistas que agora estão sendo descartados pela burguesia e que já, há muito tempo, perderam toda confiança na capacidade de luta da classe operária”.

O ânimo político geral, que cresceu dia após dia, da escola de formação até o encerramento do congresso, é fruto da compreensão de que há um amplo campo para a construção das ideias do marxismo, de que a EM e a CMI têm o programa, as táticas, os métodos e a política acertada para enfrentar a atual situação. Junte-se a nós!

Veja a resolução política do Congresso em www.marxismo.org.br

FORMAÇÃO

PRIMAVERA DE PRAGA

A TCHECOSLOVAQUIA SE LEVANTA CONTRA O STALINISMO



Jovens contra os tanques da burocracia

ARTHUR PENNA
thurpena@gmail.com

O ano de 1968, sempre que nos vem à mente, é imediatamente associado com as grandes greves e barricadas nas ruas de Paris, a passeata dos cem mil contra a ditadura militar no Brasil ou as grandes mobilizações contra a Guerra do Vietnã nos EUA. Muitos se esquecem de que, do outro lado da Cortina de Ferro, uma outra grande revolta de massas sacodiu as fundações do stalinismo: a Primavera de Praga.

Ao contrário das demais explosões sociais ocorridas naquele ano, as grandes mobilizações ocorridas no coração do leste europeu, na época o centro do bloco da burocracia estalinista, são motivo de controvérsias na esquerda. Vinte anos após a queda do Muro de Berlim, os stalinistas seguem firmes na defesa do legado do chamado “socialismo real”, que nada mais foi do que o resultado da usurpação da Revolução Russa por uma casta burocrática, cuja dominação sobre os povos do Leste Europeu seria o principal desencadeador da Primavera de Praga.

Em 1967, alguns escritores da União dos Escritores Tchechoslovacos publicaram em seu periódico o desejo de ver a literatura no país livre da censura do partido comunista. Tal reivindicação, feita

pública e dirigida diretamente ao governo, seria impensável durante os primeiros anos do pós-guerra, quando a presença de Stalin ainda pairava como um espectro sombrio. Com o discurso de Kruschov em 1956 e a tentativa de flexibilizar alguns dos aspectos mais rígidos do modelo anterior, especialmente na economia, havia um esforço por parte das burocracias em criar uma aparência de liberdade de expressão. Por isso a iniciativa por parte de um dos órgãos oficiais de controle da arte e da cultura.

As aspirações dos corajosos escritores esbarraram na própria União, fiel à classe burocrática da qual era parte integrante. Todos os envolvidos na publicação sofreram medidas disciplinares. A burocracia não podia se dar ao luxo de permitir que nem mesmo uma ilusão de liberdade se estabelecesse. Contudo, mesmo as mais tímidas impressões de reformas podem liberar energias incapazes de serem controladas, ainda mais quando essas impressões vão de encontro às insatisfações das massas.

No começo de 1968, o então presidente do país, Antonín Novotný, firme defensor dos ditames mais rígidos do período anterior, é substituído no cargo de secretário geral do Partido Comunista (PC) tchecoslovaco por Alexander Dubcek, um político

da região da Eslováquia – a mais pobre do país. Logo que assume, o novo líder faz discursos denunciando as políticas de seu antecessor e lança um programa de reformas que ficaria conhecido como “Programa de Ação”. Entre as mudanças propostas, estavam o direito de ir e vir, o fim da censura, restauração de boas relações com países ocidentais e até mesmo a introdução de eleições.

Todas essas propostas não saíram da benevolente personalidade de Dubcek, tanto que o mesmo apoiara as medidas tomadas contra os escritores que haviam pedido mais liberdade no ano anterior. O programa era uma resposta à profunda insatisfação que imperava nas sociedades dos países do bloco “socialista”. E tão ansiosas estavam as massas por mais liberdade que, mesmo diante de um conjunto de promessas, impuseram cada vez mais pressão sobre seus líderes para que estas fossem cumpridas. Dubcek tentou frear os ânimos do povo, diminuindo o tom das críticas e mesmo reprimindo manifestações de estudantes e trabalhadores, sem sucesso.

Em Moscou, o líder do PC Russo, Leonid Brezhnev, que revertera várias das mudanças idealizadas por Kruschov, assistia alarmado aos acontecimentos na Tchecoslováquia. O país fazia fronteira com diversos países do Pacto de

Varsóvia, incluindo o seu próprio. O temor que as ondas de choque que partiam de Praga se espalhassem para as cidades do Leste Europeu o fez convocar uma reunião bilateral com Dubcek, que garantiu sua total lealdade à URSS.

Contudo, nem mesmo todas as garantias de Dubcek apaziguaram a preocupação da burocracia soviética, que entendia perfeitamente a natureza do perigo. Para destruir mesmo as pequenas reformas implementadas na Tchecoslováquia, que haviam acendido o barril de pólvora na sociedade do país, era preciso utilizar a força bruta. E nos dias 20 e 21 de Agosto de 1968, sob o pretexto de atacar “contrarrevolucionários”, os burocratas enviaram um enorme contingente militar ao país para es-

magar as aspirações de liberdade das massas.

Diante da invasão, Dubcek demonstrou toda a sua covardia. Nenhuma resistência militar foi organizada, as massas nas ruas foram deixadas a própria sorte, sem organização de comitês de defesa para protegerem-se, resultando em dezenas de mortes. O comportamento traiçoeiro do líder “reformador” demonstra a natureza de classe da burocracia stalinista, que prefere morrer a entregar o poder para as massas. As transformações necessárias para alcançar o socialismo só podem ser feitas pela auto-organização dos trabalhadores sob a direção dos comunistas e independente de qualquer burocracia. Essa é a maior lição da Primavera de Praga.



Manifestação de jovens em Praga (1968)

Crédito

Reijo Nikkilä

INTERNACIONAL

LUCY DIAS

dlucy.1917@gmail.com

Em maio de 1968, o mundo assistiu a uma série de eventos onde a classe operária e a juventude perturbaram a ordem capitalista. Essas mobilizações se gestaram abaixo do nariz de toda a burguesia, dos stalinistas e também dos sectários da esquerda. Quando se assustaram, milhões de trabalhadores e estudantes colocaram a burguesia de joelhos e pela força de seu movimento foram capazes de arrancar conquistas históricas, a principal delas, a consciência de que a classe operária pode controlar a economia, a sociedade e todos os aspectos da vida.

Passados 50 anos desse poderoso movimento, a aparência de um capitalismo próspero já se desfez completamente e se abriu uma época de ataques diretos às conquistas trabalhistas daquela época. Atualmente a economia francesa encontra-se com taxas de desemprego a beira dos dois dígitos (previsão de 9,1% para maio de 2018, segundo dados da Trading Economics); um crescimento pífio do PIB de 0,3% e com níveis de dívida pública em crescimento vertiginoso desde 2008.

Na pessoa de Emmanuel Macron, a classe dominante francesa busca atacar os trabalhadores com medidas muito semelhantes àquelas que Temer impulsionou aqui no Brasil, como a reforma trabalhista, a lei da terceirização e a reforma do ensino médio.

Neste momento, as lutas contra a política de Macron ganharam uma nova qualidade com a greve dos ferroviários. O governo busca implementar uma reforma na Companhia Nacional de Ferrovias Francesas (SNCF), entregando-a para a iniciativa privada.

Os ferroviários, uma categoria importantíssima por



"Nem Seleção, nem Opressão", diz uma das faixas da manifestação pela convergência de "lutas" entre ferroviários e estudantes universitários em Nantes

FRANÇA

UM CONVITE À GREVE 50 ANOS DEPOIS

transportar não só mercadorias comuns, mas também a principal, os trabalhadores, têm feito uma greve esplêndida, perturbando todo o sistema ferroviário.

O jornal explica: "Em Ile-de-France, para as linhas Transilien e para as linhas Intercités, a SNCF aconselha os viajantes 'a favorecer rotas alternativas ou adiar sua viagem o máximo possível'".

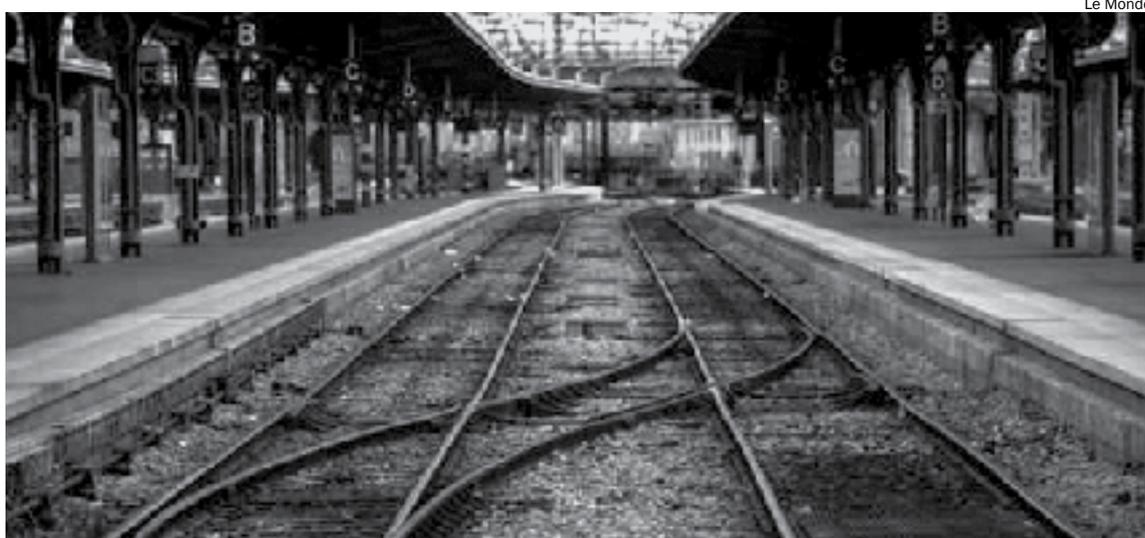
Hoje (14/05), enquanto escrevemos este artigo

para a edição 116 do F&M, a greve alcança seu 18º dia e ocorre o que os sindicatos da SNCF apelidaram de "Journée sans cheminots" ou "Dia sem ferroviários". O jornal Le Monde de hoje mostra a adesão à greve: "Especificamente, 74,4% dos motoristas estão em greve, 74,3% dos controladores e quase 37% dos manobristas. 'Há uma enorme mobilização de motoristas e controladores, mais de 70%

da greve', disse Erik Meyer, porta-voz da SUD-Rail."

Mas o que o Le Monde não mostra é que a greve dos ferroviários tem desencadeado greves em outras categorias.

Em artigo de 12/04, nossos camaradas da seção francesa da CMI, *Révolution*, informaram: "Coletores de lixo, trabalhadores da Air France, servidores públicos, advogados, trabalhadores dos correios, trabalhadores



Le Monde

de hospitais e trabalhadores de cuidados aos idosos (entre outros) estão se preparando para a ação, e a cada dia novas camadas de trabalhadores estão se juntando à luta. A 'convergência das lutas' não é mais só uma palavra de ordem, está se tornando um fato."

Os estudantes também se mobilizam

No dia 18 de abril, quatro das maiores universidades francesas estavam totalmente paralisadas contra a lei.

E nove dias antes, a Universidade de Nanterre – palco importantíssimo do Maio Francês em 1968 – mandou chamar a Polícia Nacional Francesa contra os estudantes que estavam em assembleia geral contra a Lei de Orientação e Sucesso dos Estudantes (ORE), popularmente conhecida como "Lei Vidal", devido ao nome da Ministra do Ensino Superior, Frédérique Vidal.

A "Lei Vidal" é uma espécie de reforma do ensino superior que busca implementar pré-requisitos para que os estudantes acessem as universidades. Para os estudantes mais pobres, a realidade é a mesma na França e no Brasil: qual a chance de manter boas notas tendo que trabalhar o dia inteiro?

O convite à greve 50 anos depois está na pauta do dia para todos os jovens e trabalhadores franceses. A luta de classes está se expressando em cada canto do mundo, inclusive nas principais potências imperialistas. E lá, assim como aqui, para enterrar o governo Macron-Temer e todas as suas contrarreformas trabalhistas e educacionais, é preciso unificar as greves locais em um poderoso movimento geral com base na aliança operário-estudantil e passar por cima das direções pelegas, assim como há 50 anos.

A NOVA EDIÇÃO DA REVISTA
AMÉRICA SOCIALISTA
JÁ ESTÁ DISPONÍVEL!

1968 UNIDADE INTERNACIONAL
DA LUTA DE CLASSES

Compre pelo site www.livrariamarxista.com.br
ou com um militante da Esquerda Marxista



DAS REVOLTAS DE 1968 ÀS MOBILIZAÇÕES ESTUDANTIS DE HOJE

EVANDRO COLZANI

Em uma entrevista publicada no Estado de São Paulo, no dia 13 de maio, um dos ícones do maio francês, Daniel Conhn-Bendit, afirmou que comparar o maio de 68 com os movimentos que ocorrem atualmente é algo “inútil” e “anacrônico”, pois “não há mais nada de Maio de 1968”.

Longe de ser anacrônica, a comparação de 1968 com 2018 pode auxiliar a juventude e a classe operária nos diversos combates que se travam em países como Brasil, Argentina, Venezuela, Nicarágua, EUA, Grã-Bretanha, França, Paquistão, etc. Há algumas características centrais de 68 que são a chave para entender a tarefa dos marxistas na atualidade.

Aliança Operário-Estudantil

Uma das ideias propagadas pela burguesia é a de que o maio francês foi um movimento puramente estudantil. Entretanto, a força do movimento foi justamente a unidade dos estudantes com os trabalhadores que iniciaram a greve geral que abalou as estruturas das instituições francesas da época.

O exemplo de uma debilidade nesse sentido, podemos encontrar no México, em 68, onde um movimento estudantil massivo nas escolas e universidades ganhou a simpatia da classe operária, que organizou greves e manifestações em solidariedade, mas não foi capaz de unir a luta.

Erro semelhante, com proporções distintas, cometeram as direções estudantis da UBES, UNE e sindicatos dos trabalhadores em educação, durante as ocupações de escolas contra a Reforma do Ensino no Paraná em 2016, onde havia a possibilidade de nacionalizar a luta e impedir a aprovação da reforma através da unidade do movimento estudantil e sindical.

A aliança entre trabalhadores e estudantes fortalece a luta pela manutenção dos direitos e contra o capital. Se o ânimo e o espírito revolucionário da juventude são elementos que garantem as primeiras vitórias do movimento, somente a

entrada da classe operária em cena pode garantir a vitória definitiva, pois o proletariado é a única classe genuinamente revolucionária.

A crise da direção

Quando jovens e trabalhadores tomaram as ruas de Praga, capital da Tchecoslováquia em 68, reivindicando melhores condições de vida e de trabalho, conquistaram inclusive a solidariedade dos soldados soviéticos que foram enviados a mando da burocracia stalinista para esmagar o movimento. Na França, Charles De Gaulle declarou, no momento mais crítico da revolução, que “em uma semana os comunistas estarão no poder”. Mas o que permitiu que tudo “voltasse à normalidade” se em todos esses países a burguesia não cedia e reprimia violentamente os que se rebelavam?

Foi a ausência de uma direção ou a existência de uma, mas traidora, que salvaram o capital ou o regime burocrático tchecoslovaco. Essa é a questão chave apontada por Leon Trostky já em 1938, no Programa de Transição, e que permanece sendo o principal fator atualmente.

Um exemplo atual, ligado à questão da juventude, pode ser visto nos movimentos nas universidades públicas brasileiras. Na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), há uma ameaça de aumentar de R\$ 1,00 para R\$ 11,00 o valor do Restaurante Universitário (RU). Quando a reitoria anunciou a medida, os estudantes recorreram às suas entidades e começaram a pressioná-las para que se organizasse uma greve estudantil para barrar o aumento. O DCE, dirigido pela UJS, se negou a organizar qualquer combate e só chamou a assembleia que aprovou a greve quando uma parte dos cursos já estavam paralisados, pois os estudantes fizeram com que os Centros Acadêmicos tomassem a iniciativa. Novamente, são as direções do movimento estudantil o obstáculo.

Essa é uma questão que somente o movimento estu-

dantil e operário podem resolver. As atuais direções serão testadas, descartadas, se não cumprirem o seu papel, e novos dirigentes devem surgir no decorrer da luta. Os marxistas devem atuar na luta de classes para ganhar a confiança das bases, tornar-se uma referência no movimento capaz de exercer influência nele.

A luta de classes é internacional

Não é apenas no Brasil, mas em todo o mundo que podemos encontrar exemplos das lutas da juventude que podem e precisam aprender com 68. Basta ver o movimento de secundaristas nos EUA que, apesar da defesa de uma pauta confusa (pelo desarmamento), demonstram toda a insatisfação presente na sociedade norte-americana. Na Grã-Bretanha os jovens participaram entusiasmados das eleições municipais esse ano, votando no Labor Party, em Corbyn, organizando assembleias, debates etc, não porque acreditavam que as eleições iriam resolver algo, mas porque viram nesse processo a oportunidade de expulsar os Conservadores, dar um fim à austeridade e começar a mudar a sociedade para melhor.

Se há algo anacrônico em toda essa história é o “ícone do Maio de 68” e o regime que ele defende. Ironicamente Conhn-Bendit se intitula um reformista, porém o que ele afirma ser reformismo não existe mais na era de decadência do capital, o reformismo clássico de Bernstein e seus contemporâneos também é anacrônico.

Nós celebramos o ano de 1968 assim como Marx, Engels, Lênin e Trotsky celebraram revoluções que não foram vitoriosas, mas que deixaram sua marca, suas lições próprias e foram as bases para as revoluções posteriores. Que a juventude e a classe trabalhadora aprendam as lições de 68 e as utilizem para conquistar hoje o que milhares buscavam nas ruas, nas escolas, nas universidades e nas fábricas de Paris, de Praga, do mundo inteiro.

